

Capítulo

3

SOLIDÃO DA MULHER NEGRA: UMA HISTÓRIA DE INVISIBILIDADE AFETIVA



SOLIDÃO DA MULHER NEGRA: UMA HISTÓRIA DE INVISIBILIDADE AFETIVA

BLACK WOMAN'S SOLITUDE: A HISTORY OF AFFECTIVE INVISIBILITY

Mirella Rodrigues Da Cruz¹

Resumo: Esse artigo tem como objetivo manifestar uma análise do livro *Kired, Laços de sangue*, de Octavia E. Butler, sob a perspectiva de observação dos aspectos que permeiam as dinâmicas de afetividade, a partir do diálogo empregado nas disparidades raciais, tendo em vista o condicionamento social que determina nossas inclinações amorosas, estabelecidas por intermédio de um ponto de vista histórico e racial, que inviabiliza mulheres negras como indivíduos ativos nos espaços afetivos.

Palavras-chave: Afetividade; mulheres negras e condicionamento.

Abstract: This article aims to show an analysis of the book *Kired, Laços de sangue*, by Octavia E. Butler, under the perspective of observing the aspects that permeate the dynamics of affectivity, from the dialogue used in racial disparities, with a view to conditioning social that determines our loving inclinations, established through a historical and racial point of view, which makes black women unfeasible as active individuals in affective spaces.

¹ Graduanda em Licenciatura em Geografia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA)



Keywords: Affectivity; Black women and conditioning.

INTRODUÇÃO

A origem deste trabalho advém do estudo do livro: *Kired, Laços de sangue*, de Octavia E. Butler, que se propõe a analisar Dana, protagonista do livro, como sujeito em detrimento do coletivo, o que alicerça diversas discussões acerca do papel da mulher negra na sociedade, enquanto indivíduo, que se estabelece afetivamente. Determinando um recorte relacionado a afetividade, problematizaremos como a escravização dos corpos dessas mulheres negras, anteriormente colocadas na sociedade escravista como incubadoras de novos escravos, que as dotaram o lugar de mulheres desregradas, dialoga com a introdução da ideia da adoção de um padrão de mulheres que seriam associadas ao lar e ao cuidado familiar, e as que não teriam serventia para esse papel, repercute nos enlaces afetivos atualmente.

“Para justificar a exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão, a cultura branca teve que produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representá-las como altamente dotadas de sexo, a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado.” (HOOKS, 1995, p. 469)

A ideia de uma mulher negra “forte”, contribui para a solidão dessas mulheres e esses encargos se refletem nos mais variados espaços sociais. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o casamento de pessoas entre a mesma raça é maior entre brancos (74,5%), pardos (68,5%) e índios (65%), o que aponta que os negros, no Brasil, continuam, em sua maioria, a preferir se relacionar com alguém de outra raça, podemos interligar esses dados as políticas de fortalecimento



Estudos Interdisciplinares

da mestiçagem, anteriormente negadas por Nina Rodrigues, por considerar que cada raça estava em um determinado nível de desenvolvimento e evolução, pré-datando um atributo intelectual a cada uma, ou seja, existiam raças superiores e inferiores. Sílvio Romero, por outro lado, defendia a miscigenação, porém contendo a predominância cultural branca, para que no fim obtivermos uma nação homogênea e integrada, estimulando então o melhoramento das raças. A miscigenação é colocada por muitas vezes para atestar a democracia racial brasileira, com isso as relações inter-raciais no Brasil foram e são fortemente estimuladas, entre tanto, a hipersexualização da mulher negra proveniente da cultura estabelecida no período escravista a coloca como um “objeto” de consumo sexual e não como um ideal afetivo, inviabilizando um olhar romantizado direcionado a essas mulheres. Em contrapartida, a categoria da hipersexualização do homem negro e o machismo contribuem para que a solidão afetiva que os afligem ocorra em menor grau, o estudo do IBGE indica que há (7%) de probabilidade de uma mulher negra permanecer solteira, criando uma espécie de celibato definitivo, o que nos faz questionar a seletividade que perpassa entre as relações amorosas em nosso país.

SOCIEDADE E O DESAFETO COM MULHERES NEGRAS

Partindo dos pressupostos que permeiam os desenrolares históricos que marginalizaram a população negra em múltiplos níveis, é importante salientar alguns eventos onde os transmitidos do governo brasileiro possibilitou que a segregação desse povo, mesmo que não tão explicitamente, tal qual ocorreu nos Estados Unidos, sucedesse de maneira pontual e cirúrgica. A lei de terras (1850), se traduz como um exemplo disso, lei essa que impediu que a ocupação espacial e territorial da população negra fosse digna e saudável, subjugando esse povo a ocupar majoritariamente as zonas periféricas, a



lei da vadiagem (1941), no entanto, se estabeleceu como um dos principais responsáveis pela notória ocupação preta das prisões, já que a pois a abolição os anteriormente escravizados foram deixados a Deus dará nas ruas, contribuindo para que as carceragens se tornassem lugar comum para os mesmos, seja o fortalecimento governamental da vinda dos imigrantes com o intuito de ocupar o mercado de trabalho brasileiro e embranquecer a população e seus futuros descendentes, no mais, a aplicação jurídica mais nociva corresponde a lei da abolição da escravatura (lei Áurea, 1888), que incutiu um falso ideal de liberdade, quando na verdade, uma população que foi sequestrada, agredida, estuprada e explorada fora jogada a mercê, sem nenhum tipo de compensação, a exemplo da que os judeus obtiveram, ao término do nocivo processo que envolveu a escravização na América, nesse contexto, as mulheres negras, além de lidarem com as adversidades impostas pelas questões de gênero, que as impediam de estarem ativas no mercado de trabalho digna e amplamente e com os seus direitos garantidos, ainda permanecia a necessidade de se articularem numa estrutura de uma sociedade machista e racista, Yzalú, em sua música, mulheres negras, nos conduz a reverberar sobre atual condição social dessas mulheres devido ao período escravista:

“Enquanto mulheres convencionais lutam contra o machismo, as negras duellam pra vencer o machismo, o preconceito, o racismo, lutam pra reverter o processo de aniquilação que encarcera afrodescendentes em cubículos na prisão.” (YZALÚ, 2012).

O parecer prescrito em torno das mulheres negras, como submissas as transformam em indivíduos sociais que são forçadamente direcionados a abdicarem das relações que envolvam amor, cuidado, afeto e prazer para si mesmas, mas que se estabeleçam como sujeitos que detêm a obrigatoriedade de fornecer subsídio emocional e prazer aos demais, ideia essa transmitida historicamente



Estudos Interdisciplinares

pelas amas de leite, que cuidavam e amamentavam os filhos das sinhás e as escravizadas que tinham relações consensuais ou não para gerar mão de obra escravizada. Gilberto Freyre, na sua obra, *Casa-grande & senzala*, minimiza os estupros sofridos pelas escravizadas, romantizando as relações sexuais forçadas com os senhores de engenho, argumentando que essas mulheres estavam encarregadas de fornecer “acalento” e prazer sexual aos seus senhores, para além disso, a violência obstétrica paira sobre a vida maternal dessas mulheres, um estudo desenvolvido em relação as desigualdades raciais na saúde pública apontou que as mulheres negras demoravam mais para serem atendidas com a finalidade de darem entrada no procedimento do parto e recebiam 50% menos anestesia que as mulheres brancas. No livro *Kired, laços de sangue*, uma passagem nas páginas iniciais do mesmo fornece um relato que demonstra a negligência e a falta de afeto direcionado a Dana, mulher negra, protagonista do livro.

“Os policiais eram sombras que apareciam intermitentemente ao lado de minha cama para fazer perguntas que eu precisava me esforçar para entender. — Como machucou seu braço? – Perguntavam — Quem machucou você? — Eu prestei atenção à palavra que eles usaram: machucar. Como se eu estivesse arranhando o braço. Será que achavam que eu não sabia que o havia perdido?” (*Kired Laços sangue*, 2017, p.17).

Esse diálogo nos permite analisar que há uma latente negligência e falta de empatia para com a personagem. No mais é relevante evidenciar que os espaços ocupados nos dias atuais tanto no mercado de trabalho, quanto nas relações afetivas estão diretamente ligados ao contexto histórico dessas mulheres, os vínculos trabalhistas ocupados por mulheres negras são majoritariamente os cargos de limpeza, a sua ocupação nas universidades é inferior as mulheres brancas, aos homens negros e brancos, apenas (10, 4%) das mulheres negras concluem o ensino superior, ainda segundo o IBGE,



as mulheres negras ganham (57%) do salário de um homem branco no Brasil, o papel majoritário de mulheres negras nos relacionamentos estão ligados a erotização dos seus corpos, visto que apenas (7%) dessas mulheres se casam, e elas são maioria como mães solo no Brasil, o condicionamento á solidão é gritante, visto que a raça é um fator predominante para a escolha dos parceiros.

BREVE FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Com a finalidade da plena compreensão do artigo, além de usufruir do livro Kired, Laços de sangue, de Octavia E. Butler, recorri aos métodos de análises presentes nas obras de bell Hooks: Vivendo de amor, que carrega em si uma percepção sobre a quase ou total falta de amor na vida das mulheres negras, ademais utilizamos outros parâmetros norteadores complementares que tangem a discursão em torno da solidão da mulher negra, o sofrimento que envolve essa dissociação do afeto direcionado a essas mulheres, presente no artigo da Isabela Alves: A solidão tem cor: O sofrimento da mulher negra no Brasil, Ainda proveniente do artigo: Engravidei, pari cavalos e aprendi a voar sem asas: Reflexões acerca da afetividade e solidão da mulher negra, de Lorena Ribeiro, que nos convida a reverberar sobre as relações afetivas e sexuais das mulheres negras, ainda recorrendo a bell Hooks como pressuposto teórico: Mulheres negras: moldando a teoria feminista, texto que traduz uma reflexão do visceral e silencioso sofrimento vivenciado, mais do que diário por essas mulheres e por último, o livro: Mulher negra: afetividade e solidão, de Ana Cláudia Lemos Pacheco que traz a percepção no que diz respeito aos papéis direcionados as mulheres no âmbito racial, a mulher branca como a tradução do matrimônio e da cultura do que deve ser considerado afetivo e a mulher negra no lugar da erotização e do mercado sexual



METODOLOGIA

Para que houvesse uma maior clareza e domínio sobre o tema pesquisado, foi concebido um formulário online direcionado ao público masculino e a mulheres lésbicas, com o intuito de analisar se a suposta “preferência” por mulheres brancas está vinculado com um processo sócio histórico, que condiciona os indivíduos acerca dos seus desejos amorosos ou é algo que já se foi superado no século XXI, e se a raça é um fator importante na escolha dos parceiros conjugais, além disso esse questionário foi projetado com o propósito de analisar o favoritismo racial e o motivo que tange os mesmos, no que diz respeito as possíveis relações sexuais, amorosas e matrimoniais, no mais observamos as impressões acerca das propagandas presentes na mídia quando se trata de matrimônio, quem são as mulheres que “vendem” o sonho do casamento?

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Quando se trata de discutir as opressões que englobam as vidas de mulheres negras, a pioneira a se apresentar para nós é o racismo, trabalhando a perspectiva da Interseccionalidade que apresenta os múltiplos sistemas de opressão, raça, gênero e classe, os resultados transmitem um maior esclarecimento das opressões que regem a vivência das mulheres negras. Obtivemos a participação de 28 pessoas no estudo, dessas 20 são homens heterossexuais e 8 mulheres homossexuais (lésbicas ou bissexuais), quando questionado sobre o papel da mídia na venda do ideal matrimonial (96,4%) das pessoas afirmaram que na maioria dos anúncios de casamento detectaram a presença majoritária das mulheres brancas na grande maioria anúncios. A pergunta posterior se tratava da longevidade



Estudos Interdisciplinares

dos relacionamentos que teriam a intenção de gerar matrimônio, (50%) disseram que nos relacionamentos que tinham a intenção de casar-se eram com mulheres brancas, (29,2%) com mulheres pardas e (20,8%) com mulheres negras. Foi questionado também se a cor da pele se tratava de um fator importante na escolha do parceiro, (81,5%) afirmaram que não, porém quando perguntado se haveria um tipo específico de parceiro para se relacionar (78,6%) responderam que sim, no âmbito do aborto paterno (ocorre quando o pai abandona a criação desde o princípio dos filhos, sem dar qualquer outro tipo de explicação, uso essa expressão procurando diferir na que se refere ao abandono paterno por entender que é necessário participar em algum momento da formação da criança para abandonar), foi perguntado qual o perfil geral das mães solo brasileiras, (99%) responderam que acreditam que o perfil dessas mulheres é majoritariamente de negras e que tenham baixa escolaridade. Buscando incorporar as questões afetivas e socioeconômicas, questionamos o consentimento dos participantes em relação as disparidades sociais das mulheres negras, entre elas a sua ocupação nas universidades, (85,7%) responderam que as mulheres brancas são maioria nas universidades, já no panorama salarial, (100%) dos participantes responderam acreditar que as mulheres negras são as que recebem os menores salários no Brasil.

Os dados acima nos ajudam a consolidar a nossa argumentação em torno dos elementos que compõem a solidão das mulheres negras e as suas assimetrias socioeconômicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inegável dissociação de amor e afetividade em vínculo com mulheres negras atribui responsabilidade as mais variadas adversidades vivenciadas pelas mesmas, é imprescindível a quebrar



Estudos Interdisciplinares

dos grilhões numa sociedade desigual economicamente e até afetivamente para essas mulheres, o amor cura, e é por ele que elas precisam ser acolhidas, bell Hooks em vivendo de amor, nos relembra que somos um povo ferido, e com isso a complexidade em torno da afetividade expande e nos inquieta.

“A vontade de amar tem representado um ato de resistência para os Afro-Americanos. Mas ao fazer essa escolha, muitos de nós descobrimos nossa incapacidade de dar e receber amor.” (HOOKS, 1994).

O que transparece são os reflexos históricos que interferem nas relações afetivas da população negra atualmente, já que as mulheres negras são as principais vítimas de feminicídio, enquanto o homicídio de mulheres brancas diminuiu de (3,6%) por 100 mil em 2003 para (3,2%) em 2013, uma redução de (11,9%), o de mulheres negras aumentou de (4,5%) para (5,4%) por 100 mil no mesmo período, um crescimento de (19,5%). Os companheiros ou ex-companheiros foram responsáveis por (33,2%) dessas mortes, ou seja, 4 mortes ao dia, ainda quando se trata de raça, em 2013 (66,7%) de mulheres negras foram assassinadas a mais do que mulheres brancas, em relação ao perfil dos agressores, (73,3%) eram pardos ou negros, bell Hooks em vivendo de amor nos atenta a pensar numa justificativa a esses índices:

“Essa talvez seja a razão pela qual muitos negros estabeleceram relações familiares espelhadas na brutalidade que conheceram na época da escravidão. Seguindo o mesmo modelo hierárquico, criaram espaços domésticos onde conflitos de poder levavam os homens a espancarem as mulheres e os adultos a baterem nas crianças como que para provar seu controle e dominação.” (HOOKS, 1995)

No mais, podemos justificar as prerrogativas estabelecidas em torno da mulher negra no Brasil ao seu processo histórico colonial escravista e de formação, que subjuga o indivíduo de acordo



com as suas particularidades que se opõem ao sistema patriarcal e branco dominante, logo as mulheres negras precisam transgredir em ambas as estruturas dominantes para se desvencilhar das amarras do sistema. Em ensinando a transgredir, bell Hooks explicita o papel da transgressão como arma de desmonte do sistema:

“Temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, exigir de nós e de nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permite encarar a realidade ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginemos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir.” (HOOKS, 1994, p.273).

REFERÊNCIAS

ALVES, ISABELA A solidão tem cor: O sofrimento das mulheres negras no Brasil. Observatório do terceiro setor, 2018. Disponível em <https://observatorio3setor.org.br/carrossel/a-solidao-tem-cor-o-sofrimento-das-mulheres-negras-no-brasil/>.

Acesso em: 23, maio de 2021.

BUTLER, OCTAVIA. KIREL: Laços de sangue. São Paulo: Morro Branco; 2017.

COSTA, ROSELY GOMES Mestiçagem, racialização e gênero. Scielo, 2009. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-45222009000100006&script=sci_abstract&tlng=pt.

Acesso em: 23, maio de 2021.



FREYRE, GILBERTO Casa-grande & Senzala. São Paulo. Global; 1933.

HOOKS, bell Tudo sobre o amor. Hopkinsville. Elefante; 1994.

HOOKS, bell Ensinando a transgredir a educação como prática da liberdade. Hopkinsville.. WMF Martins Fontes; 1994.

RIBEIRO, LORENA Engravidei, pari cavalos e aprendi a voar sem asas: Reflexões acerca da afetividade e solidão da mulher negra. Periódicos UFJF, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/darandina/article/view/28063>. Acesso em: 23, maio de 2021

